

## ENTRE COBRA E LEÃO, CAVALO E TUBARÃO: POSSIBILIDADES SISTÊMICAS PARA ATENDIMENTO INFANTIL

Letícia Santos Selau<sup>1</sup>  
Letícia Macedo Gabarra<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo articulou um caso clínico com conceitos teóricos da terapia relacional sistêmica, referentes à utilização de recursos lúdicos na prática clínica com crianças. O atendimento ocorreu durante a experiência prática de estágio específico, com ênfase em Psicologia e Processos Clínicos, em 2013 e as questões levantadas nos atendimentos serviram de orientação para o desenvolvimento deste trabalho. O estudo objetivou identificar possibilidades e contribuições da utilização de recursos lúdicos na prática clínica de psicólogos sistêmicos, bem como nas formas de utilização desses recursos, além de reconhecer a participação das crianças no processo psicoterapêutico. Para tanto, foram utilizados como recursos lúdicos, as metáforas, o genograma lúdico e o mapa de rede. Com esse estudo, verificou-se que os recursos lúdicos se mostraram eficazes em promover ampla comunicação com a criança, facilitando tanto sua expressão, quanto a do psicoterapeuta em se fazer compreensível quando dirigia-se à ela. Esses recursos mostraram ser excelentes ferramentas para os profissionais intervirem durante as sessões na produção de mudanças significativas com crianças.

**Palavras-chave:** Atendimento infantil. Terapia relacional sistêmica. Recursos lúdicos.

### 1 INTRODUÇÃO

Inúmeros questionamentos ocupam a mente do psicólogo que ousa trabalhar na área da psicoterapia infantil, fazendo com que ele reflita e busque conhecimentos que norteiem a sua prática. Nesse sentido, o presente estudo teve como motivação investigar a forma como crianças representam o seu universo de maneira lúdica em uma sessão de psicoterapia.

<sup>1</sup> Psicóloga. Especialista em Terapia Relacional Sistêmica pelo Instituto Familiare. Faculdade Cesusc. Endereço eletrônico para contato: leticiashaubert@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela UFSC. Faculdade Cesusc. Endereço eletrônico para contato: leticiagabarra@gmail.com

A discussão se completa com a apresentação de uma experiência de estágio, ilustrada por meio de um caso clínico, com a aplicação dos conceitos de uma abordagem familiar. Questionamentos teóricos acerca do manejo clínico com crianças foram despertados e suscitaram o desejo de elaborar este trabalho, cujo objetivo foi o de fazer uma articulação entre considerações teóricas e o discurso clínico. Com isso, tentou-se identificar possibilidades e contribuições da utilização de recursos lúdicos na prática clínica de psicólogos sistêmicos, bem como nas formas de utilização desses recursos e no reconhecimento da participação das crianças no processo psicoterapêutico.

O presente trabalho adquire sua relevância na medida em que busca produzir conhecimentos e reflexões que contribuam para o atendimento de crianças, levando em conta pesquisas que dizem da dificuldade da verbalização das crianças no trabalho terapêutico, dificultando, assim, uma troca mútua de conhecimentos. Portanto, o trabalho demonstra ser importante por indicar que é possível, por meio dos recursos lúdicos, usados na prática clínica com crianças, a facilitação da comunicação entre terapeuta e criança e, até mesmo, entre a família e a criança. Levando em consideração esses aspectos, a fundamentação teórica deste artigo pretende colaborar com a prática clínica de psicólogos sistêmicos no atendimento infantil.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Quando uma criança é levada a um atendimento psicoterápico por sua família (em virtude de algo que não vai bem com ela), como se configura essa experiência para a criança? Grandesso (2010) convida o leitor a imaginar-se na pele de uma criança que comparece com seus pais ou sua família, pela primeira vez, a uma sessão de psicoterapia. A autora aponta que não deve ser fácil esse lugar da criança, ouvindo os pais dizerem sobre o quanto estão preocupados com o seu comportamento, sobre o quanto não sabem o que fazer e nem sabem o que há de errado com ela. A autora discorre ainda sobre como deve ser difícil esse lugar que a criança ocupa, como se estivesse em uma berlinda por seu mau comportamento, sofrimento ou por suas dificuldades específicas (GRANDESSO, 2010).

A criança desenvolve sua impressão sobre o que vem a ser uma sessão de psicoterapia, desde o momento em que seus pais, um deles ou outro adulto, informam-lhe sobre a consulta marcada ou, no mínimo, desde o momento em que entra pela porta do consultório. Como a ideia de buscar uma psicoterapia não é uma escolha da criança, pelo menos da criança pequena, ela, geralmente, fica sujeita à maneira como seus pais a apresentam ao psicoterapeuta (GRANDESSO, 2010).

O psicoterapeuta deve imaginar como seria mais confortável para a criança ser apresentada para um desconhecido, em uma situação de psicoterapia, de uma maneira positiva aos olhos de seus pais e irmãos. Nesse sentido, a terapia familiar com crianças (especialmente quando a preocupação dos pais ou algum outro cuidador envolve diretamente a criança) deve envolver, desde o início, a criação de um lugar de conforto e confiança, para que a criança não se transforme em um objeto do qual se fale e sobre o qual se intervém (GRANDESSO, 2010; TAIBBI, 2009).

As metáforas podem ser consideradas uma forma espontânea para a criança expressar suas emoções e, ao mesmo tempo, uma forma adequada que o terapeuta tem de se aproximar dela. A comunicação por meio de metáforas é indireta, inconsciente no caso da criança e consciente no caso do terapeuta. Essa comunicação indireta tende a desfocar o problema e o procedimento empregado contribui para criar um foco comum para a criança e o terapeuta. A comunicação indireta por meio de metáforas e contos de fadas torna a situação menos ameaçadora para a criança (JOHANNESSEN, RIEBER & TRANA, 2010).

O psicoterapeuta deve situar-se no mundo da criança e transmitir que a entende, deve transmitir uma percepção da realidade que seja algo diferente da que possui a criança, deve sentir que a metáfora tem um significado específico vinculado com a situação. Essa diferença não deve ser excessiva nem muito pequena. O principal é que a criança se reconheça na metáfora e, além disso, que esta comunique esperança quanto à solução do problema e do futuro. A criança poderá, então, extrair das metáforas a mensagem de que necessita e que a instigue a aplicar suas próprias soluções e seus próprios recursos ainda não utilizados (JOHANNESSEN, RIEBER & TRANA, 2010).

Quando a criança não sabe por que veio para a consulta, nem chegou a perguntar nada em casa, pode fazê-lo na sessão. O terapeuta pode ajudá-la a formular a pergunta ou até mesmo sugerir que a criança imagine que, se tivesse uma varinha mágica, qual seria a primeira coisa que tentaria mudar na sua casa. Essa técnica, segundo Tilmans-Ostyn e Meynckens-Fourez (2000), induz a criança a imaginar que tem super poderes e, diante desse poder, quais seriam as mudanças que ela realizaria na sua família. Essa intervenção visa tocar o nível do desejo imaginário, instaura uma dinâmica lúdica e permite, inclusive, uma abertura para temas carregados emocionalmente, mas sem suscitar culpabilidade. A utilização da varinha mágica coloca a família em contato direto com o eixo da questão (TILMANS-OSTYN & MEYNCKENS-FOUREZ, 2000).

Com essa técnica e partindo do imaginário infantil (qual criança nunca sonhou em ter uma varinha mágica?), o terapeuta instaura uma dinâmica lúdica, conduzindo a criança na expressão de angústias, sentimentos, medos, fantasias, abrindo possibilidades de diálogo sobre temas carregados emocionalmente, distanciando-se da culpabilização. Tilmans-Ostyn e Meynckens-Fourez (2000)

sugerem que a fantasia infantil e a capacidade criativa dos filhos pequenos sejam utilizadas ao se propor o uso de uma “varinha mágica”. É explicado à família, com o terapeuta se direcionando para a criança, que a varinha tem um poder especial de transformar a realidade e as relações entre as pessoas no dia a dia. Após essa explicação, é perguntado a cada membro “Se você pudesse usar essa varinha para transformar alguma coisa, o que você mudaria?”. A partir das respostas obtidas, além de estabelecer objetivos viáveis para o processo, também é possível trabalhar com a família os riscos das mudanças com perguntas semelhantes a “O que pode acontecer se a mudança desejada acontecer?” ou “Quais são os riscos de conseguir essa transformação?” (PAPP, 1992).

O uso das metáforas é uma forma do terapeuta divertir-se junto com a criança e também descobrir qual é o seu processo. Geralmente o seu processo de fantasia, a forma como faz as coisas e move-se no seu mundo fantasioso, é o mesmo que o seu processo de vida. Usando, então, conteúdos metafóricos, pode-se penetrar nos recursos mais íntimos da criança por meio da fantasia, além de trazer à luz aquilo que é mantido oculto ou que a criança evita e pode-se também descobrir o que se passa na vida da criança a partir de sua própria perspectiva (CUSINATO, 1999; OAKLANDER, 1980).

Nos atendimentos é possível o uso dos genogramas, que consiste na representação gráfica de informações sobre a família e, à medida que vai sendo construído, evidencia a dinâmica familiar e as relações entre seus membros. É um instrumento padronizado, no qual, símbolos e códigos podem ser interpretados como uma linguagem comum aos interessados em visualizar e acompanhar a história familiar e os relacionamentos entre seus membros (MCGOLDRICK, GERSON & PETRY, 2012).

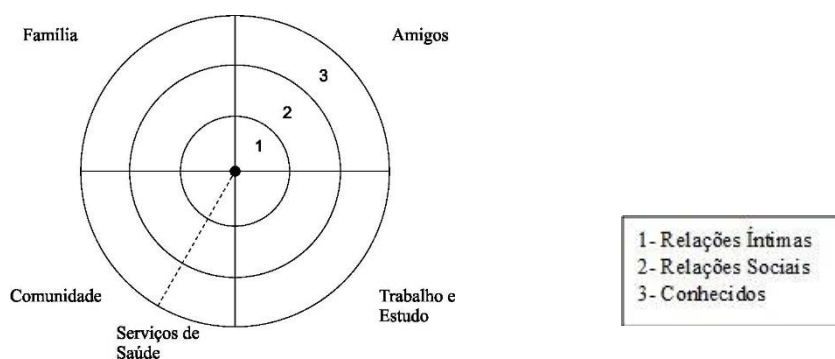
Os genogramas lúdicos são uma expansão natural da avaliação e dos benefícios terapêuticos do genograma. Eles combinam a estrutura dos genogramas com o uso lúdico dos itens em miniatura, como pessoas, animais e objetos de todos os tipos, a fim de permitir que crianças e até mesmo adultos criem genogramas imaginativos que sirvam como avaliação reveladora e como instrumento para intervenção com crianças (MCGOLDRICK, GERSON & PETRY, 2012).

A utilização do genograma no atendimento à criança facilita a relação entre ela e o profissional, promovendo envolvimento da criança no processo terapêutico. Além disso, evidencia a percepção da criança sobre as relações familiares, oferecendo aos profissionais valiosas informações que podem servir como orientadoras para a continuidade do planejamento do atendimento. O genograma conduz o terapeuta ao conceito de família, pois cada paciente vai revelando quem eles consideram membro de sua família, como a família funciona e como os diversos papéis são desempenhados entre si e entre a sua rede de relacionamentos (NASCIMENTO, ROCHA & HAYES, 2005).

Além do mapeamento familiar, Sluzki (1997) destaca a importância do mapeamento da rede de apoio. O autor define rede social como o conjunto de pessoas com quem o sujeito interage de maneira constante e que compõe sua rede social pessoal, ou seja, é a soma de todas as relações que o sujeito compreende como representativas ou determina como diferenciadas da massa anônima da sociedade. São essas relações que propiciam a construção da identidade e da autoimagem de cada um de nós. Existem diferentes tipos de redes das quais as pessoas fazem parte e para cada tipo de rede há também diferentes funções desempenhadas na vida dessas pessoas (SLUZKI, 1997).

Por essa razão, Sluzki (1997) adota um instrumento denominado “Mapa de Rede”, que possibilita a investigação das redes pessoais, inclusive das crianças, o reconhecimento da “teia social”, bem como suas experiências no cotidiano. Na Figura 1, observa-se a sistematização dos quatro quadrantes: família, amizade, relações de trabalho ou escolares e relações comunitárias. Assim como três círculos: um círculo interno, de relações íntimas, diretas, constituindo as redes primárias; um círculo intermediário, de relações sociais de contato pessoal sem intimidade; e um círculo externo, de relações ocasionais.

Figura 1 – Mapa de rede: proposições gerais



Fonte: Mapa de Rede proposto por Sluzki (1997) adaptado por Guadalupe (2000).

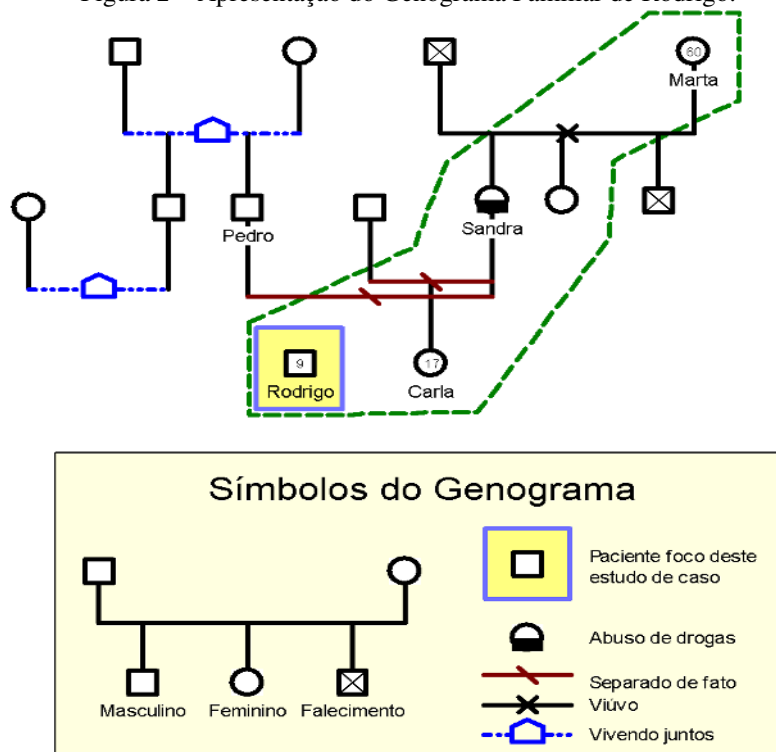
O mapa oferece a possibilidade de uma investigação profunda da rede social do indivíduo, tornando-a visível para aqueles que a investigam, pois o ato de designar a rede, de falar sobre ela, é uma forma de ter proximidade com ela, de ponderar sobre ela, o que permite às pessoas construir ideias e atividades no sentido de ativá-la, mobilizá-la ou desativá-la, de acordo com o que estão vivendo, abrindo assim espaço à mudança e a novas formas de articulação social (SLUZKI, 1997).

### 3 MÉTODO

O artigo foi produzido a partir de um estudo de caso clínico, de caráter exploratório e descritivo, sendo os atendimentos realizados no Centro de Produção de Saberes e Práticas em Psicologia (CEPSI) do CESUSC. O caso relatado neste artigo é sobre Rodrigo, de nove anos, estudante do quarto ano do ensino fundamental. Rodrigo mora com a avó materna, Marta, responsável pela sua guarda, a irmã Carla, a mãe Sandra e a tia. A constituição familiar de Rodrigo pode ser observada na Figura 2 com a apresentação do genograma. Foram realizados 20 atendimentos, semanais, em 2013, com duração de uma hora, transcritos após o término de cada sessão. Os nomes utilizados são fictícios, visando preservar a identidade dos participantes.

O material foi analisado dentro da perspectiva teórica da Terapia Relacional Sistêmica, que concebe o indivíduo inserido em uma rede de relacionamentos. Nessa perspectiva, os eventos passam a ser compreendidos a partir de um contexto e o olhar foca-se nas conexões e inter-relações entre os fenômenos. Foram utilizadas ferramentas auxiliares no processo terapêutico, como objetos metafóricos, o uso lúdico do genograma e do mapa de rede.

Figura 2 – Apresentação do Genograma Familiar de Rodrigo.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2013).

#### 4 RELATO E DISCUSSÃO DO CASO CLÍNICO

A senhora Marta procurou atendimento psicológico no CEPESI, para seu neto Rodrigo, encaminhada por uma instituição de saúde pública, com um relatório elaborado pela equipe interdisciplinar, com um possível diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), dificuldades na escola, baixa tolerância à frustração, sentimento de insegurança e conflitos familiares. Marta tem 60 anos, é viúva e mora com duas filhas adultas, Rodrigo e uma irmã adolescente de Rodrigo, filha de outro relacionamento de sua mãe. Rodrigo reside com a avó Marta desde o nascimento. A mãe é dependente química, não se responsabilizando por seus cuidados e o pai reside em outro país, visitando-o uma vez por ano.

A dinâmica familiar e os conflitos existentes entre a avó e o garoto apareceram nos atendimentos. O descontentamento da avó frente ao comportamento do neto e a irritação do neto frente às práticas parentais utilizadas pela avó. Após o atendimento conjunto de Rodrigo com a avó, ele resistiu ao retorno da avó aos atendimentos. Desta forma, foi proposta uma dramatização, na qual Rodrigo fez o papel da avó e a estagiária fez o papel do psicoterapeuta e do menino. Ao assumir o papel da avó, Rodrigo demonstrou tranquilidade e paciência ao falar sobre o neto, elogiou, valorizou suas atividades em casa e enfatizou o descontentamento do neto com os deveres escolares. Então, a estagiária perguntou a avó (representada por Rodrigo) como ela poderia resolver essa questão dos deveres e a avó, (representada pelo menino) disse que ela tentaria falar com mais calma com Rodrigo e dar atenção na hora dos deveres, pois acha que assim ele aceitaria realizar a atividade. Então, usando conteúdos metafóricos, pode-se penetrar nos recursos íntimos da criança por meio da fantasia e pode-se também descobrir o que se passa na vida da criança a partir de sua própria perspectiva (CUSINATO, 1999; OAKLANDER, 1980).

Utilizou-se como recurso metafórico a “família de bichos”. A proposta era que Rodrigo escolhesse os membros da sua família, baseando-se em animais. Como havia sido constatado em sessões anteriores que o menino não gostava de desenhar, foram-lhe oferecidas figuras de animais, para que ele pudesse escolher qual representava cada membro da sua família. Após a escolha, Rodrigo pintou os animais e apresentou algumas características que ele julgou importante. O procedimento possibilitou elencar características consideradas positivas dos membros da família, identificar e reforçar as potencialidades que poderiam ser ativadas em momentos de crise, porém apareceram também muitas características negativas, que servem para compreender a estrutura e dinâmica familiar. O menino demonstrou interesse na atividade e descreveu com naturalidade cada membro da

sua “família de bichos” (JOHANNESSEN, RIEBER & TRANA 2010; TILMANS-OSTYN & MEYNCKENS-FOUREZ, 2000; TOSIN, 2005).

A escolha dos animais começou pela cobra, que Rodrigo disse representar sua mãe e a definiu: “A cobra não tem dentes, mostra a língua, mata pessoas e rasteja, mas o tubarão, não tem medo de cobra”. Na sequência, ele escolheu o tubarão para representá-lo, “O tubarão come e assusta pessoas, é bonito, azul, guerreiro, e luta pelo que quer. Às vezes é bonzinho e não come pessoas”. A baleia para representar sua irmã, “A baleia é da mesma família do tubarão. Tubarão e baleia brigam, mas tem tudo em comum. A baleia também é bonita, come pessoas e é cinza”. A Maria, uma amiga da família que auxilia nos cuidados com Rodrigo, foi representada por um peixe. “O peixe é o mais lindo que vive no mar. O tubarão não come esse peixe. O tubarão adora brincar com o peixe. O peixe é colorido e feliz”. Para Marta, sua avó, o garoto escolheu o cavalo, “um animal forte e corredor, mas que às vezes dá coice”.

As próximas pessoas da família a serem escolhidas foram vários primos e, somente depois, quando perguntei se não faltava mais alguém, ele disse que sim, que faltava uma tia, irmã da sua mãe e que ele escolheu a borboleta para representá-la. Disse que essa borboleta é linda e legal e que só tem coisa ruim quando fica brava. O próximo membro da família foi seu pai e ele escolheu o leão para representá-lo. “O leão é um animal legal, rico, feroz e ataca as pessoas. Ele ataca porque não pensa, pois é da selva, é também divertido e amigo, porém só é amigo quando está feliz”.

Rodrigo falou na sequência de um avô que já morreu, escolheu o cachorro para representar esse avô, porque disse que “o avô era bochechudo e o cachorro também”. Disse que gostaria muito de ter conhecido esse avô. Por último, citou um tio, irmão do seu pai, disse que esse tio seria o dinossauro, “ele gosta muito de dinossauro porque ele carrega as pessoas e também porque na casa do dinossauro não precisa escovar os dentes, mas às vezes o dinossauro come pessoas”.

A utilização do recurso metafórico da família de bichos demonstrou-se adequada, pois possibilitou uma postura mais ativa e lúdica do terapeuta, além de que há a ineficácia de uma comunicação direta sobre o assunto, levando ao entendimento da complexidade das questões familiares para aquela criança, que não havia mencionado nada sobre a mãe nos atendimentos e que, sobre o pai, trazia relatos de um pai extremamente idealizado (CUSINATO, 1999; OAKLANDER, 1980).

Outro recurso metafórico utilizado nos atendimentos com Rodrigo foi a “varinha mágica”, técnica que, segundo Tilmans-Ostyn e Meynckens-Fourez (2000), induz a criança a imaginar que tem uma varinha mágica e que, mediante esse poder, pode apontar quais seriam as mudanças que ela realizaria na sua família. Quando mencionada a questão da varinha mágica para Rodrigo, ele

demonstrou desinteresse, alegando que varinha mágica é coisa de menina. Diante dessa recusa, transformou-se o recurso da varinha mágica em “super poderes”, possibilitando a Rodrigo manifestar o que ele tem desejo de mudar na sua família e, quando questionado sobre isso, ele respondeu de forma breve “tudo”.

Tilmans-Ostyn e Meynckens-Fourez (2000) afirmam que o objetivo dessa intervenção é tocar o nível do desejo imaginário da criança, pois instaura uma dinâmica lúdica e permite abertura para temas carregados emocionalmente, mas sem suscitar culpabilidade. A utilização da varinha mágica coloca a criança e/ou a família em contato direto com o eixo da questão e foi o que aconteceu na sequência da sessão: Rodrigo disse que gostaria de mudar tudo na família dele, o menino revelou o desejo de que sua mãe fosse outra pessoa, pois ele tem muita vergonha dela, porque ela não trabalha e também porque não tem dentes.

Na sequência dos atendimentos com Rodrigo, aproveitando o recurso da “família de bichos” que já havíamos utilizado, foi proposto fazermos o genograma lúdico, pois esse instrumento auxilia a relação entre o terapeuta e a criança, suscita um maior envolvimento e evidencia a percepção da criança sobre a sua família (MCGOLDRICK, GERSON & PETRY, 2012).

O uso do genograma lúdico possibilitou a Rodrigo expressar suas fantasias internas a respeito da configuração familiar por meio de um mundo miniaturizado, pois as miniaturas nesse caso puderam transmitir a maneira como os membros se conectam ou diferem-se, na percepção do menino (MCGOLDRICK, GERSON & PETRY, 2012). O menino indicou uma família em que todos moravam juntos, inclusive o pai que mora fora do Brasil. Indicou também no genograma os seus relacionamentos emocionais, nos quais evidenciou-se o ódio e a hostilidade pela mãe, bem como o amor e a idealização que o menino tem do pai. Na relação com a avó e com a irmã, apareceram o desacordo e o conflito, porém, também apareceu o amor que Rodrigo disse sentir pelas duas, mesmo que às vezes eles briguem tanto. Já com Maria a relação é de melhores amigos; ele demonstra muita confiança e muito amor por essa amiga da família.



Figura 4 - Mapa de rede



Fonte: elaborado pelas autoras (2013).

Por meio do recurso do mapa de rede foi possível trabalhar com Rodrigo a importância, em sua vida, de outras pessoas que não fazem parte do seu ciclo familiar. Na exploração do mapa, para estabelecer a fronteira da rede e definir seus integrantes, utilizaram-se perguntas, como: “Quem são as pessoas importantes de sua vida?”, “Quando você está com vontade de visitar alguém, para quem você liga, ou na casa de quem você vai?”, “Quando você está com problemas, quem você procura?” (SLUZKI, 1997). O menino respondeu que as pessoas importantes para ele eram sua avó, sua irmã, seu pai e a amiga da família Maria e que adora a casa da vizinha Maria. E costuma conversar com a estagiária e com a amiga Maria.

No quadrante da “comunidade”, foi identificado o professor de taekwondo, que o menino usou o tigre como animal para descrevê-lo. Esse professor sempre foi uma figura presente nos atendimentos. Rodrigo referia-se a ele como um homem forte, exigente, uma pessoa que deixava claro para o menino sobre a importância das regras e das responsabilidades a serem cumpridas. No quadrante da escola, evidenciou-se a importância de alguns colegas de sala de aula, dentre eles os três demonstrados no mapa como, o hipopótamo, o elefante e a zebra.

Diante dos objetivos estabelecidos e das dificuldades apresentadas por Rodrigo em conectar-se com as questões familiares, o processo psicoterapêutico atendeu às demandas propostas e demonstrou-se pertinente, pois foi verificada uma ótima adesão do garoto à utilização dos recursos lúdicos sugeridos. Por meio desses instrumentos, Rodrigo conseguiu conectar-se com sentimentos que antes não expressava e conseguiu falar sobre assuntos dos quais não gosta, pois, segundo palavras do próprio garoto, “eu não gosto de falar sobre a minha família, muito menos sobre a minha mãe”. Este estudo possibilitou ganhos para Rodrigo ao longo do processo psicoterápico, porém há vários

pontos ainda a serem trabalhados e acredita-se ser de extrema importância que o garoto e sua família possam se beneficiar dando continuidade ao processo de psicoterapia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema proposto pelo artigo teve como objetivo identificar possibilidades e contribuições da utilização de recursos lúdicos na prática clínica de psicólogos sistêmicos. Com este estudo, verificou-se que a principal vantagem da utilização dos recursos lúdicos parece ser a facilidade de conectar psicoterapeuta e criança ao universo infantil.

Nos exemplos apresentados neste trabalho, os recursos lúdicos se mostraram eficazes em promover ampla comunicação com a criança, facilitando tanto a sua expressão, como a do terapeuta em se fazer compreensível ao dirigir-se a ela. Esses recursos se mostraram um rico material e excelentes ferramentas para terapeutas intervirem durante as sessões na produção de mudanças significativas.

Contraditoriamente a esses aspectos que tornam o trabalho valioso e gratificante, sentimentos como frustração, solidão e impotência também acompanham a prática do profissional que ousa trabalhar com crianças, no que diz respeito à dependência que o processo psicoterápico da criança tem em relação aos pais ou à rede social. Embora se encontrem pais que cresçam com o processo e sejam excelentes colaboradores, há outros que, por razões diversas, possuem dificuldades no enfrentamento dos estressores desenvolvimentais da família. Isso deixa o profissional solitário, impotente e frustrado, já que a criança tem pouca autonomia, ou seja, ela é dependente deles até mesmo para iniciar ou suspender o processo (COSTA & DIAS, 2005).

É válido aqui ressaltar acerca das dificuldades encontradas na produção do estudo, posto que um dos maiores obstáculos apontados na prática da psicoterapia infantil diz respeito à dificuldade de se conseguir o apoio da família. Além disso, há poucos profissionais trabalhando na área e a literatura é escassa. A dificuldade de se conseguir aliança com os pais ou outros membros significativos da rede social da criança é algo que se destaca na prática de clínica infantil. Muitas vezes o progresso terapêutico da criança fica estagnado por questões pessoais dos pais, especialmente quando não aceitam ajuda.

Entende-se que muito da resistência, particularmente dos pais, é decorrente da crença de que eles serão apontados como culpados pelos problemas do filho e que o psicoterapeuta estará ali desempenhando o papel de delator dessa culpa. Tais sentimentos que permeiam o imaginário dos pais são possivelmente decorrentes de práticas ainda apoiadas numa visão que foca mais as deficiências

do que as competências e que acabam por desqualificar o saber dos pais, acentuando o saber do psicoterapeuta, que é o especialista, já que estudou para isso. Concorde-se com Grandesso (2000), quando ele afirma que posturas terapêuticas ancoradas num posicionamento em que o terapeuta é o expert do conhecimento contribuem para dificultar a parceria com a rede social da criança, minimizando o trabalho colaborativo, tornando frágil o processo e provocando sentimentos de solidão, impotência e frustração nos psicoterapeutas.

Acredita-se que esse tipo de prática acentue a dificuldade de conseguir um trabalho colaborativo e isente a família como coparticipante do processo da criança, possibilitando campo fértil em predispor-la a desenvolver resistências e, assim, dificultar o processo de parceria (COSTA & DIAS, 2005). Isso pode ter influência na motivação do profissional, inclusive desmotivando-o na dedicação a essa especialidade. Entretanto, sugerem-se pesquisas futuras a esse respeito e publicações de estudos de casos na área.

## REFERÊNCIAS

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995. 510 p.

COSTA, Maria Ivone Marchi; DIAS, Cristina Maria Souza Brito. A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, gestalt terapia e centrada pessoa. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 22, n. 1, Março 2005.

CUSINATO, Lindóia Marlene. Metáforas como ferramenta terapêutica. **Domus**, Porto Alegre, vol. 1. n. 1, Agosto 1999.

GRANDESSO, Marilene. Quem é a dona da história? Legitimando a participação das crianças em terapia familiar. In: CRUZ, Helena Maffei (organizadora). **Papai, mamãe, você...E eu?** Conversações terapêuticas em famílias com crianças. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 313 p.

GUADALUPE, Sonia. **Singularidade das redes e redes da singularidade – rede social pessoal e saúde mental**: estudo exploratório numa amostra com esquizofrênicos, deprimidos e população geral. 2000. Dissertação de Mestrado em Família e Sistemas Sociais apresentada à Escola Superior de Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra. 2000.

JOHANNESSEN, Trude Langseth, RIEBER, Hanne, TRANA, Helene. O Teatro de fantoches reflexivo. In: CRUZ, Helena Maffei (organizadora). **Papai, mamãe, você...E eu?** Conversações terapêuticas em famílias com crianças. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 313 p.

KRUGER, Liara Lopes; WERLANG, Blanca Susana Guevara. O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. **Avaliação psicológica**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, dez. 2008.

MCGOLDRICK, Monica; GERSON, Randy; PETRY, Sueli. **Genogramas**: avaliação e intervenção familiar. Porto Alegre: Artmed, 2012. 328 p.

NASCIMENTO, Lucila Castanheira; ROCHA, Semiramis Melani Melo; HAYES, Virginia Ellen. Contribuições do genograma e do ecomapa para o estudo de famílias em enfermagem pediátrica. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. 2, Junho 2005.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo crianças**: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980. 362 p.

PAPP, Peggy. **O processo de mudança**: uma abordagem prática à terapia sistêmica da família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TAIBBI, Robert. **Fazendo terapia familiar**: habilidade e criatividade na prática clínica. São Paulo: Roca, 2009. 236 p.

TILMANS-OSTYN, Edith; MEYNCKENS-FOUREZ, Muriel. **Os recursos da fratria**. Belo horizonte: Artesã, 2000. 260 p.

TOSIN, Anna Silvia. **O Psicodiagnóstico e as abordagens sistêmico-familiares**. 2005. 61 f. Monografia (Especialista em Terapia Familiar e de Casal) - Familiare Instituto Sistêmico, Florianópolis. 2005.

SLUZKI, Carlos E. **A rede social na prática sistêmica**: alternativas terapêuticas. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1997. 145 p.